

DO MENINO QUE FAZIA MAPAS A UM PROJETO
COLETIVO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Arthur Magon Whitacker

Eda Maria Góes

Everaldo Santos Melazzo

Márcio José Veríssimo Catelan

Maria Encarnação Beltrão Sposito

Nécio Turra Neto

Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP)

Grupo de Pesquisa "Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR)

Não é muito fácil escrever sobre um amigo com quem convivemos na vida e no trabalho porque a amizade entrelaça-se à vida profissional. Por outro lado, e justamente por isso, a tarefa é mais prazerosa: não separamos essas duas instâncias em nosso cotidiano. Imaginem escrever sobre nosso Professor Eliseu! São décadas de aprendizado e conhecimento conosco compartilhados. Assim, nós, do GAsPERR, que vivemos cotidianamente com Eliseu, talvez tenhamos algo a acrescentar sobre sua trajetória e o que nela, particularmente, toca-nos quando o vemos desse modo singular, em que se combinam o amigo, o professor e o pesquisador que se construiu, poderíamos dizer, junto com a consolidação de um dos câmpus da Universidade Estadual Paulista - Unesp.

Este ano, a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp completou 60 anos! Coincide com esse aniversário, o do Curso de Geografia se considerarmos que a primeira aula deste curso foi em 1959, quando Presidente Prudente ainda contava com 72.782 habitantes (IBGE, 1960). De uma cidade vizinha, Pirapozinho, naquela época com 33.274 habitantes (IBGE, 1960), ingressou na XIII turma do Curso de Geografia, em 1971, um aluno que viria a construir uma carreira que não somente contribuiria com a Unesp de Presidente Prudente, mas com a Geografia brasileira e internacional, Eliseu Savério Sposito.

Como ele mesmo nos conta, tinha paixão por duas dimensões do fazer geográfico que marcaria sua carreira – a construção do conhecimento dessa Ciência e a cartografia, não por acaso dois temas tão próximos. De fato, no convívio, essas dimensões e seu entrelaçamento sempre ficam muito evidentes, seja em conversas, seminários, debates, bancas ou qualquer outra atividade em que Eliseu expressa sua sempre enfática opinião sobre as coisas e sobre a Geografia. Esses dois elementos, marcantes em sua carreira geográfica, levam-nos ao presente, mas, como ele também nos ensina, nunca de forma linear. Para este pequeno texto, baseamo-nos tanto no convívio, como num sobrevoo sobre sua produção intelectual e científica, não apenas para descrever o que Eliseu fez até o momento, mas para por luz a uma trajetória que nos afeta nas dimensões pessoal, profissional, acadêmica e científica, tornando-nos, de algum modo, privilegiados. Assim, destacaremos aqui seis qualidades que estão presentes na maneira como Eliseu se expressa e é por nós percebido em nosso convívio.

Um primeiro traço a ser observado é, sem dúvida, a **perspicácia**. Não há como desconsiderar que Eliseu sai de uma pequena cidade, de um núcleo familiar que não tinha inserção no mundo do conhecimento científico, que entra na universidade em 1971, um dos momentos mais sombrios deste país, no terceiro governo da Ditadura Militar, tendo como Presidente da República Emílio Garrastazu Médici. Foi o momento do chamado “milagre brasileiro”, com crescimento da economia próximo de 55%, com a criação da hidroelétrica de Itaipu, da Transamazônica, mas, também, do endividamento externo e, destacadamente, dos “anos de chumbo” da ditadura. Foi esse o contexto com o qual Eliseu se deparou quando ingressou na universidade, numa escola que passava pela transição de uma Geografia quantitativa para uma Geografia Crítica, passagem que teve como momento marcante o Encontro Nacional de Geógrafos ocorrido em 1978, Fortaleza, por meio do qual se anunciou o pensamento crítico, e lá estava o jovem Eliseu. Apesar disso, o sobrevoo em seu Lattes e seus depoimentos, em todos esses anos de convivência, em almo-

ços, jantares, cafés, prazerosos bate-papos, permitem afirmar que seu caminho seria de fato, sua perspicácia já apontava, o pensamento crítico, livre, leve e aberto. Sua dissertação de mestrado mostra-nos isso. Fez um retorno às suas experiências e vivências pessoais para, então, olhar com as lentes do conhecimento o movimento que ele mesmo realizou e, por contraste, daqueles que ficaram, traduzido no trabalho “Migração e permanência das pessoas em cidades pequenas: os casos de Pirapozinho e Álvares Machado na Alta Sorocabana”, defendido em 1983, na Universidade de São Paulo. Poucos anos depois, em 1990, também naquela mesma instituição, sua experiência como professor na Unesp de Presidente Prudente o fez, mais uma vez, apreender, desde a dimensão empírica, uma teoria. A tese, uma referência aos estudos urbanos, “Produção e apropriação da renda fundiária urbana em Presidente Prudente”, trouxe a público um debate que consolidava sua assumida predileção pelo materialismo histórico e dialético, que o acompanhou por todos estes anos, quase como um “lugar de fala”, de onde demarca sua posição.

Eliseu tem outra qualidade, **a comunicação**, e essa veio em dose perfeita para que seu processo de criação se tornasse um sucesso: do menino que fazia mapas para o professor que ensina a fazer e a ler o mapa. Mas a sua capacidade de comunicação o fez ir além. De professor a pesquisador somou conhecimento e trouxe a público temas que, talvez, já carregava desde o contexto em que viveu em Pirapozinho e do momento político e econômico pelo qual o Brasil passava durante aquele trajeto. Ele agregou pessoas e formou um grupo, com a parceria de muitos que ainda seguem aqui conosco, outros que por aqui passaram e, ainda, com aqueles que recentemente chegaram. O pesquisador Eliseu observou que numa cidade como Presidente Prudente poderíamos, e deveríamos construir uma maneira própria de pensamento crítico que pudesse olhar o mundo a partir de um empírico derivado de nossa experiência e por ela transformado. Assim, nasceu um grupo de pesquisa que se consolidaria coletivamente, num momento em que esse tipo de prática científica era tão novo em nosso país. E vejam o nome do grupo: “Grupo de Pesquisa Produ-

ção do Espaço e Redefinições Regionais – GASPERR”. Sua capacidade de comunicação é, sem dúvida, escalar. Olhou para dentro e para fora, para o perto e o distante, buscando, na sua síntese geográfica, criar aquilo que ainda não tínhamos.

Mas foi, ao nosso ver, sua terceira qualidade que permitiu ampliar o leque de produção do conhecimento: a **capacidade de criação**. Ao analisarmos sua trajetória, observamos um número elevado de orientações em temas que poderiam ser agrupados em ao menos três grandes campos: a geografia econômica e urbana, representada pelas pesquisas sobre o processo de industrialização; a epistemologia, representada pelas pesquisas que se debruçaram sobre a questão do método; e o Ensino de Geografia, representada pelas pesquisas que articulavam geografia e ensino. Se, por um lado, a diversidade de temas indicam sua enorme capacidade de criação, ilustram, ao conhecermos tais trabalhos, um processo de criação do pesquisador que é também artista mantendo e combinando rigor científico e criação. Isso também comparece em sua tese de livre-docência, defendida em 2000, com o título “Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico”. Uma contribuição que o colocou dentre os grandes pensadores da Geografia brasileira, oferecendo uma oportunidade de pensarmos a construção e o método de nossa ciência geográfica combinados com rigor e criação.

Se tudo isso já é história, é, também, História e está marcado no tempo-espaço que ele mesmo construiu desde e num projeto coletivo de convite ao conhecimento.

Rigor e criação combinam-se, ainda, em outra dimensão, ou sem ela não se faz: o **bom humor**, sendo esta uma quarta qualidade que queremos reforçar. Todos nós aqui já vimos Eliseu bravo ou muito irritado, mas mantendo a capacidade do humor que, certamente, às vezes é irônico, por outras debochado, mas sempre divertido. Recentemente aposentado de algumas de suas atribuições, dialoga como se fosse novamente o menino que fazia mapas, renovado e revigorado, levando-nos, pelos muitos casos e histórias, a aprender sempre sobre a Geografia e as geografias.

Isso, talvez, tenha relação com a quinta qualidade que o tempo lhe trouxe – **a de síntese**. Eliseu é uma pessoa que sempre fará um arremate e estabelecerá um desfecho: conclui-se (o arremate) e funda-se o novo (o desfecho). Isso decorre de suas capacidades de criação e de comunicação e da velocidade de seu pensamento, presente, inclusive nas aulas e trabalhos de campo, lendo o mundo num ritmo e com uma perspicácia incomuns. Essas energia e capacidade materializam-se em tudo o que fez e faz pela Geografia brasileira. Dos mapas que criava durante sua graduação e como desenhista da Faculdade ao grupo de pesquisa do qual hoje fazemos parte, conseguiu não somente sintetizar Conhecimento, mas, sobretudo, construir trilhas para que continuemos a produzir uma Geografia de excelência.

Mas foi sua sexta qualidade, **a de empreender**, que possibilitou escrevermos estas linhas que, enfim, são também sobre nós. Falamos aqui de um grupo, de um coletivo, que preza cotidianamente pela produção da Ciência, mas aquele que não prescinde somente da reflexão teórica, mas se propõe a fazer o caminho difícil da transitoriedade epistemológica – um conhecimento produzido pelo campo relacional entre o teórico, o empírico e sua inter-relação estabelecida pela conjunção dialética da ação e da reflexão; da dimensão empírica e da dimensão teórica. O menino que fazia mapas contribuiu, num projeto coletivo produzido desde uma trajetória pessoal, para colocar a Geografia de Presidente Prudente no mapa da produção acadêmica brasileira. Projetos e financiamentos que auxiliaram na formação de muitos de nós estão dentre as iniciativas deste realizador do conhecimento.

Eliseu iniciou sua trajetória no Brasil da Ditadura Militar, viu, desse meio, florescer um pensamento crítico e combativo, e talvez até tenha perdido colegas e amigos neste processo. Desde esse pensamento, estendeu a Escala e o escopo de seu conhecimento e do conhecimento que compartilhou. Olhando para sua trajetória, sentimo-nos inspirados a seguir sejam quais forem os contextos.

Este pequeno texto quis dar conta do quase intangível, que é expressar tudo aquilo que uma pessoa como Eliseu trouxe e traz para nós todos. Quis

dar conta de retratar sua capacidade de reinventar-se dentro dos contextos e, ao mesmo tempo, de manter-se firme aos seus propósitos e valores. Talvez essa seja a epistemologia de sua Geografia. Criação e síntese. Permanência e mudança. Pensamento singular, generosamente compartilhado com um projeto coletivo de conhecimento.

Por fim, não poderíamos deixar de tocar no momento atual, em que vimos Eliseu preocupado com a conjuntura política e social do país. Um colega que compartilha conosco suas preocupações diante do desmonte da ciência brasileira e do crescimento do discurso e das práticas de ódio. Eliseu, que chegou a expressar que sua geração não verá mais o projeto de Brasil que um dia ousou sonhar e que parecia, nos primeiros anos do século XXI, finalmente estar próximo de se realizar. Um sonho de Brasil grande, mas com maior justiça social, e no qual se valoriza as pessoas, a Ciência e a Educação.

Estamos, de fato, vivendo novamente um período sombrio... e é nesta conjuntura que Eliseu faz a diferença, juntando e animando, vislumbrando o “inédito viável”, apontando caminhos com tudo que fez, com tudo o que é, um professor. Sigamos com ele!

Sobre o autores

Arthur Magon Whitacker

Possui Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Campus de Presidente Prudente. Nessa mesma Instituição realizou o Mestrado e o Doutorado. Pós-doutorado na Universidade do Porto, Portugal, desenvolvendo pesquisas e realizando atividades acadêmicas e científicas nas áreas de Geografia Urbana, Geografia do Comércio e Urbanismo. Atualmente, desenvolve pesquisas e atua em grupos de investigação com especial dedicação a temas da Geografia Urbana, como: produção do espaço urbano, cidades médias, centralidade intraurbana, forma urbana, consumo e ordenamento territorial. Membro do Grupo de Pesquisas sobre Produção do Espaço e Redefinições Regionais, GASPERR, da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias, ReCiMe, e do Centro de Estudos sobre Geografia e Ordenamento Territorial, CEGOT. Na graduação, leciona disciplinas para alunos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharias e Geografia e na Pós-Graduação Stricto Sensu atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, onde também é orientador de mestrados e doutorados.

Eda Maria Góes

Graduada (1986), mestre (1991) e doutora (1998) em História pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis. Atualmente é professora assistente doutora da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente, atuando nos cursos de graduação em Geografia e Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT - UNESP. Tem experiência nas áreas de História, particularmente em História *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 192-199, mês Nov. Ano 2019.*

ISSN: 1984-1647

da Cidade, mas também em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: insegurança urbana; consumo; espaço público; segregação socioespacial, fragmentação socioespacial, práticas espaciais, habitação de interesse social; cidades médias e produção do espaço urbano. É membro do GASPERR - Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais e pesquisadora do Projeto Temático "Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos - FragUrb" (Fapesp: 2018 - 2023).

Everaldo Santos Melazzo

Economista pela Universidade Federal de Uberlândia - MG, mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e livre docente pela mesma instituição. É professor da Universidade Estadual Paulista - Unesp em Presidente Prudente, SP, junto ao Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente e docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Márcio José Veríssimo Catelan

Docente do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente e Programa de Pós-Graduação em Geografia nos cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Estadual Paulista - UNESP - Câmpus de Presidente Prudente/SP. Possui Pós-Doutorado (2013-2014) pela mesma universidade. Doutorado em Geografia (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Estadual Paulista-UNESP, Câmpus de Presidente Prudente/SP (CAPES 7), na condição de bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, com estágio de doutorado-sanduíche (2011) na Universitat de Lleida/Catalunha/Espanha com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Mestrado (2008), Licenciatura e Bacharelado em Geografia (2005/2006) também pela UNESP/Câmpus de Presidente Prudente. Pesquisa na área de Geografia Humana com destaque para Geografia Urbana/Regional. É membro do Grupo de Pesquisa "Produção do Espaço e Redefinições Regionais"- GASPERR, do Centro de Estudos e de Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas - CEMESP, Observatório das Cidades e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias – ReCiMe.

Maria Encarnação Beltrão Sposito

Possui graduação em Geografia - Pres. Prudente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1977), mestrado em Geografia Rio Claro pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1984) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1991). Realizou pós-doutoramento na Université de Paris I - Sorbonne. Desenvolveu atividades acadêmico-científicas junto a diversas universidades brasileiras e estrangeiras. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. É membro do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GASPERR) e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: produção do espaço urbano, segregação e autosegregação socioespacial, fragmentação socioespacial, cidades médias. Atualmente, é presidente da Comissão Permanente de Avaliação (CPA) da Unesp e membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat)

Nécio Turra Neto

Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (1997), Mestrado em Geografia, pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (2001) e Doutorado em Geografia por esta mesma instituição. Foi professor do Departamento de Geografia da Universidade do Centro-Oeste (UNICENTRO), na cidade de Guarapuava/PR, entre 2003 e 2009. Atualmente é Professor Assistente da Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus de Presidente Prudente, onde ministra disciplinas para os cursos de Geografia e Arquitetura e Urbanismo. Também está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, onde ministra disciplina e orienta nos níveis de mestrado e doutorado. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: juventudes, ensino de geografia, cidade e urbano, território, lugar.

Como citar essa homenagem

WHITACKER, A, M; GÓES, E, M; MELAZZO, E, S; CATELAN, M, J, V; SPOSITO, M, E, B; NETO, N, T. Do menino que fazia mapas a um projeto coletivo de produção do conhecimento. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 192-199, 2019.